



A VIOLÊNCIA POLICIAL EM PERIFERIAS CARIOCAS SOB A ÓTICA DO DOCUMENTÁRIO ¹

Ricardo Gonçalves de Moraes Silva²
Ceça Ferreira³
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

10

Resumo: Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla sobre representações documentais acerca da violência policial em periferias brasileiras. Com base em bibliografia sobre tal tema, na teoria do documentário e em procedimentos de análise de fílmica de documentários, se desenvolve um exercício analítico do documentário Auto de resistência (Natasha Neri e Lula Carvalho, 2018), observando tanto os elementos da linguagem audiovisual quanto a construção narrativa.

Palavras-chave: Violência Policial. Representação. Documentário. Periferias.

Resumo expandido

Na cinematografia nacional, filmes de destaque como Carandiru (Héctor Babenco, 2003), Cidade de Deus (Fernando Meirelles, 2002) e Tropa Elite (José Padilha, 2007) representaram policiais e os mais pobres, muitas vezes confirmando estereótipos e reforçando visões pré-estabelecidas. No entanto, os documentários têm se mostrado uma ferramenta poderosa para apresentar as visões de daqueles que são vítimas das políticas de extermínio.

Nas últimas duas décadas foram lançados várias produções sobre o tema da violência policial, dos quais vale destacar Auto de resistência (Natasha Neri e Lula Carvalho, 2018), que aborda os homicídios cometidos pela Polícia Militar em áreas periféricas do Rio de Janeiro sob o pretexto de “auto de resistência”, termo legal utilizado para justificar a agressão ou mesmo o assassinato de supostos criminosos que venham a resistir ou revidar à força exercida pela polícia.

Ao representar seus personagens não interferindo nas situações filmadas, este documentário pode ser classificado como observativo, segundo Nichols (2016). Tal

¹ Trabalho apresentado à 11a SAU UEG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

² Bacharel do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: ricardomoraes_6@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: ceicafferreira@gmail.com

narrativa acompanha os processos judiciais aos quais policiais foram submetidos e apresenta o tema da violência de Estado a partir do ponto de vista das famílias das vítimas e também de personagens da vida política da cidade.

Nesse sentido, os documentários podem ser compreendidos como registros históricos, já que são representações da realidade, ou seja, pontos de vista sobre determinados contextos sociais e sobre as demandas de grupos historicamente marginalizados, que geralmente não têm suas demandas atendidas. Nesse sentido, é importante ressaltar que tais produtos audiovisuais são constituídos de uma voz que procura nos convencer, como aponta Nichols (2016).

Considerando tais aspectos e as contribuições de Mombelli e Tomain (2014) acerca de metodologias de análise de documentários é que foram elaboradas três categorias: 1- Relatos da dor, 2- Discursos sobre segurança pública e a letalidade policial e 3 - A justiça e o judiciário. Elas funcionam como direcionamento tanto para investigar os elementos internos, que por meio da linguagem audiovisual comporão o filme; quanto para investigar os aspectos externos, ou seja, o contexto social, econômico e político no qual o filme se insere.

Apresentamos aqui a categoria 1, que busca analisar quem são os familiares que denunciam a perda, a violência e a dor de ter seus entes queridos mortos por agentes do Estado e como suas vozes são inseridas no documentário. Para isso, foi selecionada a história de Ana Paula Oliveira (figura 1), mãe de Johnatha., morto por policiais enquanto voltava da casa de sua namorada na favela de Manguinhos.

Figura 1 - A dor de Ana Paula



2-3



4



5-6



7-8

Fonte: Filme *Auto de Resistência* (Natasha Neri e Lula Carvalho, 2018)

Ana Paula é mostrada pela primeira vez no alto da laje de sua casa, em um plano geral que destaca o céu do Rio de Janeiro e também uma visão panorâmica da favela onde ela vive, nesse momento ela conta como brincava com seu filho. O recurso da continuidade sonora faz com que antes da próxima cena já seja possível ouvir os gritos de ordem de uma manifestação, na qual juntamente com outras mães, Ana Paula denuncia a morte de seu filho, baleado nas costas. Sua voz é reproduzida em voz over e transeuntes são mostradas em primeiro plano, afetados pelo seu relato de dor.

Em seguida, ela e um grupo de mães caminham de mãos dadas pelos corredores do fórum, elas conversam, compartilham suas dores e esperanças, fortalecendo laços de união e apoio. Durante a audiência, o juiz Alexandre Abrahão narra todo o inquérito e pergunta para a testemunha (a tenente da UPP de Manguinhos) como se deu a morte de Johnatha. Alterna-se a policial sendo interrogada e o grupo de mães como visões opostas, já que a primeira dá a versão da policial sobre o caso (ela afirma ter havido troca de tiros e que um dos traficantes havia sido baleado, se referindo à Johnatha) e Ana Paula chora indignada diante da criminalização de seu filho. Embora a primeira cena possa ser considerada uma estratégia do documentário evidenciar não somente a proximidade da relação entre mãe e filho, mas também localizar geograficamente quem são e de onde são essas pessoas, ou seja, conferir-lhes humanidade; em contraponto, a polícia enxerga jovens negros somente como suspeitos, criminosos. Logo, a luta de mães, pais e familiares por justiça compreende



a reivindicação para que policiais sejam punidos; e também a defesa da inocência de seus filhos mortos.

Referências Bibliográficas

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio Dos Santos. **Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos.** Revista Lumina. Vol. 8, no 2, dezembro, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>>. Acesso em: 5 julho. 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Nova Edição, 6ª Edição. São Paulo. Papyrus, 2016.